Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data ___/___/___
Cod. ALD00029

R E L A T Ó R I O G E R A L

EXPEDIÇÃO AVÁ CANOEIRO DO TOCANTINS

Acervo ISA

QUADRO GERAL

INTRODUÇÃO 03

LEVANTAMENTO ETNO-HISTÓRICO 06

LOCALIZAÇÃO DE SÍTIOS ETNO-ARQUEOLÓGICO E ARQUEOLÓGICOS 17

LEVANTAMENTO ETNOLÓGICO 36

O POSTO AVÁ-CANOEIRO DO TOCANTINS 50

CONCLUSÃO GERAL 52

ANEXOS 55

Acervo ISA

INTRODUÇÃO

DURAÇÃO DA EXPEDIÇÃO: De 29/12/84 - 29/01/85

PARTICIPANTES:

DULCE MADALENA RIOS PEDROSO

MARCIA GOMES DE OLIVEIRA

MÁRIO ARRUDA DA COSTA

Objetivos:

1- Fazer levantamento ETNO-HISTÓRICO dos AVÁ-CANOEIRO do Tocantins, nos municípios de FORMOSO, CAMPINAÇU e MINAÇU.

2- Localizar sítios ETNO-ARQUEOLÓGICOS e sítios ARQUEOLÓGICOS nos três municípios acima mencionados.

3- Realizar estudos ETNOLÓGICOS junto ao grupo do IAWÍ Canoeiro no posto de consolidação de contato do Córrego dos Macacos, com os seguintes objetivos específicos:

- coletar palavras Avá Canoeiro através de gravações para posterior registro escrito;

- descrever por observação direta as atitudes, o modo de ser e o fazer as coisas, individualmente e em grupo dos 4 Avá Canoeiro já em contato;

- descrever e fazer uma primeira tentativa de análise de alguns aspectos culturais e dos instrumentos de uso mais constantes do grupo.

4- Descrever o posto e os trabalhos realizados pe

Acervo ISA

lo sertanista, e seu auxiliar como também os trabalhos realizados pelos índios.

As atividades deste relatório foram desenvolvidas nas seguintes áreas:

1- Formoso - Vila Dourada (Trombas) ao longo da GO 142.

2- Formoso - Canalina ao longo da GO 241, percorrendo à esquerda desta Go., uma estrada que conduz às fazendas do Sr. João Alves, do Sr. José Augusto da Costa e a Fazenda Iracema, onde o SPI montou um posto de atração dos Avá - Canoeiro nos anos 50.

3- Canalina - Campinaçu pela antiga estrada semi abandonada, passando pela história fazenda Curriola.

4- De Campinaçu, penetramos à direita da GO 241 até a Mata da Cana (Cor. da Cana) e a Mata do Café até às fazendas do Sr. Zé Mineiro, fazenda do Sr. Sebastião do Fumo, onde se localizava uma antiga aldeia Avá-Canoeiro.

5- Campinaçu - Minaçu continuamos percorrendo a GO 241, passando pelas currutelas Campo Limpo, Saudade, Jacira e Vicente.

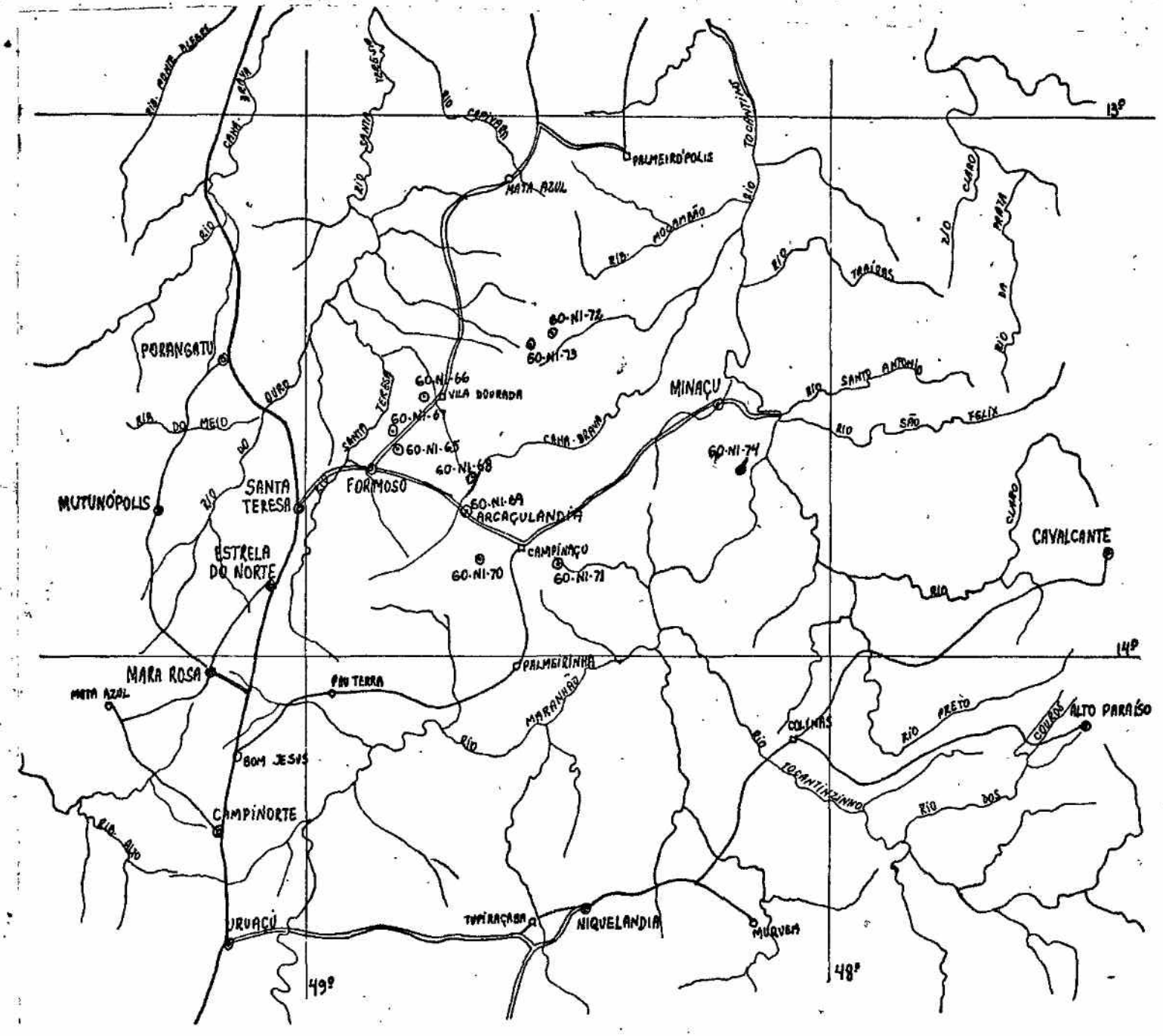
6- De Minaçu, visitamos as fazendas do Sr. Henrique de Castro Ribeiro e Sr. Bernadino Rocha Guedes, por onde um grupo arredio de Avá Canoeiro passara na primeira semana de janeiro de 1985.

7- De Minaçu voltamos a Jacira e percorremos a estrada até o acampamento da empresa Furnas, à margem esquerda do Tocantins, à altura do Cor. Bateias.

8- Do acampamento das Furnas, descemos de barco até o posto do Córrego dos Macacos.

9- Do Córrego dos Macacos fizemos uma caminhada de 7 km. até a primitiva oca do Iawí, na encosta de uma serra.

10- Do Córregos dos Macacos descemos e subimos várias vezes o rio Tocantins, na tentativa de reconhecer melhor


13º
14º
49º
48º
PALMEIRÓPOLIS
MATA AZUL
RIO CAPIVARA
RIO TOCANTINS
RIO MOGANÃO
RIO TRAÍRAS
RIO CURO
RIO DA MATA
RIO SANTO ANTONIO
RIO SÃO FELIX
MINAÇU
GO-NI-72
GO-NI-73
GO-NI-66
VILA DOURADA
GO-NI-67
GO-NI-65
GO-NI-68
GO-NI-69
ARCAÇULANDIA
CANA-BRAVA
GO-NI-74
PORANGATU
RIO DO MEIO
RIO DO OURO
RIO SANTA TERESA
MUTUNÓPOLIS
SANTA TERESA
FORMOSO
ESTRELA DO NORTE
CAMPINAÇO
GO-NI-70
GO-NI-71
CAVALCANTE
RIO CURO
MARA ROSA
MATA AZUL
PIN TERRA
PALMEIRINHA
RIO MARANHÃO
RIO PRETO
COLINAS
ALTO PARAÍSO
RIO TOCANTINZINHO
RIO DOS COCOS
BOM JESUS
CAMPINORTE
RIO ALTO
URUAÇU
TUPIRAÇABA
NIQUELANDIA
MURUEA

a área e procurando vestígios de grupos arredios de Avá-Canoeiro.

11- Do Córrego dos Macacos voltamos a Goiânia, perfazendo um total de 1.670 Km.

Acervo ISA

1- LEVANTAMENTO ETNO-HISTÓRICO

INTRODUÇÃO

Para esta expedição, delimitamos o levantamento Etnohistórico dos Avá Canoeiro do Tocantins aos municípios de Formoso, Campinaçu e Minaçu.

1.1- Município de Formoso

Fizemos muitos contatos e entrevistas neste município. Neste relatório, descreveremos as 3 entrevistas mais importantes, que nos levaram diretamente às mesmas conclusões.

Através da 1a. entrevista feita com dona Olimpia e seu filho Rafael, ficamos sabendo dos conflitos entre a família dos Correias e os Avá-Canoeiro nas terras do Coqueiro de Galhos (os babaçu da região tinham 2 ou 3 cabeças), mais propriamente na fazenda Veríssimo. Nos anos de 1951 a 1953, o tempo que Rafael permaneceu na região do Coqueiros de Galhos, ouviu do Sr. Antonio Correia a história acontecida nos anos 20, quando os Correia colocaram cachorros nos índios para "escuraçá-los" da região. Na fuga precipitada, uma índia gestante ficou para trás e, para escapar dos cães, subiu numa árvore. Foi acuada pelos cães e abatida a tiros (pelo Jão Correia). João Correia ainda mutilou-a cortando-lhe os seios. A partir daí, os índios ficaram tocaiando os Correia, até surpreenderem a mulher de João Correia num córrego. Os índios mataram a mulher e a mutilaram do mesmo jeito.

A segunda entrevista importante foi feita com o Sr. Alfeu, homem estudioso, (local, homem de) perspicaz e

Acervo ISA

prudente em suas informações. Isto se explica porque é amigo do Sr. Armando do Hotel e foi camarada do Porfírio. Alfeu mora em Formoso, nas proximidades do cemitério, mas fomos encontrá-lo na Vila Dourada, antiga Trombas, construindo o posto telefônico daquele distrito por empreitada, para a prefeitura de Formoso. O Sr. Alfeu nos falou da morte da índia e seu mutilamento pelos Correia, mas disse: "gostaria de falar disso depois, pois é uma história muito triste e longa." Falou também da vingança dos índios, matando a mulher de um dos Correia. Acrescentou aqui um fato novo: "por causa disso, os Correia se reuniram e fizeram o massacre da aldeia do rio Canabrava, onde morreram de 40 a 50 índios, na maioria, mulheres, crianças e velhos, pois os guerreiros estavam ausentes, provavelmente caçando." Terminou dizendo que este massacre aconteceu no dia 6 de janeiro, Folia de Reis.

Informou-nos ainda, o Sr. Alfeu sobre o Posto do SPI, onde atualmente se ergue a fazenda Iracema. O posto existiu nos anos 50. Finalmente, nos aconselhou a procurar a fazenda do Sr. João Alves, pois alí receberíamos mais informações.

A terceira entrevista, aliás de muita importância foi feita com Benedito Correia Miranda. Benedito é um dos poucos sobreviventes da família Correia que participou do massacre da aldeia Avá Canoeiro, nos anos 30, na região do rio Canabrava, segundo Alfeu. Mas, na verdade, a aldeia se localizava na cabeceira do córrego Lage do Meio, um afluente da margem direita do Rio Santa Tereza. E esta cabeceira está mais próxima do rio Cana-Brava do que do Santa Tereza.

Benedito tem 63 anos e vive em sua pequena propriedade, às margens da GO 142, estrada que liga Formoso a Vila Dourada, mais precisamente a 9 km. de Formoso. A casa sede da fazenda está sobre um sítio arqueológico, que descreveremos depois.

Benedito nos contou que seu tio João Correia foi quem matou e mutilou a índia grávida. Os índios não revidaram

de imediato, mas depois de alguns anos, uns 8 anos. Os índios surpreenderam a mulher de (seu) "tio João" e duas crianças limpando frangos no córrego próximo à casa, para a festa de Folia de Reis. Os índios mataram as crianças e a mulher. E assim como o "tio João" mutilou a índia, assim também os índios mutilaram sua mulher.

Benedito lembra-se que seu tio João mandou aviso, de fazenda em fazenda, dispensando a Folia. Mas, os foliões não se julgaram dispensados. Chegaram à casa do Sr. João Correia à cavalo e bem armados. Ao cair da tarde, daquele dia 5 de janeiro de 1933, se aproximaram da aldeia na cabeceira do Córrego Lage do Meio. Do alto de uma serra, observaram os movimentos na aldeia e fizeram o ataque ao amanhecer do dia 6/01/33. Benedito era menino e sua participação consistiu em vigiar os cavalos atrás do morro, durante o tiroteio. Mas depois do massacre ele foi até a aldeia e viu os cadáveres de crianças, mulheres e velhos amontoados num canto. Ele lembra-se que falavam em 70 mortos. Sabe também que alguns índios escaparam e que foram perseguidos até o altiplano da atual fazenda Iracema.

Depois desta entrevista, consultando nossos mapas, vimos que a fazenda do Sr. João Alves se localiza muito próximo da cabeceira do córrego Lage do Meio. Esta seria a razão porque o Sr. Alfeu nos mandou procurar o Sr. João Alves.

O Sr. João Alves que se estabeleceu no local há 23 anos nos repetiu a história do massacre da aldeia Canoeiro no dia da Folia de Reis. A aldeia ficava na fazenda do seu vizinho, José Augusto da Costa, onde chegamos após uma caminhada de 3Km. pela serra. O Sr. José Augusto, mais conhecido por Cazuza, mora no local há 25 anos. Ouviu falar do massacre e nos acrescentou alguns detalhes: "os esteios dos barracos da aldeia desaparecerram nas queimadas dos últimos anos, nas serras em frente e atrás da sede da fazenda, bem no alto da serra, ainda existe um poste de arueira, que certamente foi um esteio de barraco. " Um barraco de vigilância deles", segundo Cazuza. Em seguida Cazuza nos conduziu ao local da antiga aldeia, onde localizamos o sí

Acervo ISA

tio etnoarqueológico nº GO-NI-69 e que será descrito adiante. Ali, fizemos um estudo preliminar observando a quantidade de cacos e a dimensão do sítio. Subimos, então a serra de onde os Correia e seus foliões observaram a aldeia Canoeiro e planejaram o ataque. Subimos a serra debaixo de pancadas de chuvas, mas assim mesmo arriscamos tirar alguns slides da região.

Voltamos a procurar o Sr. Alfeu em Formoso, mas não o encontrando, iniciamos a busca da Fazenda Iracema. Na verdade, o SPI montou um posto de atração, no início de 1950, no altiplano da serra por onde fugiram os sobreviventes Canoeiro escapando do massacre dos Correia e seus foliões. A pista de pouso ainda é utilizada pelos donos atuais da fazenda, que recebeu o nome de Iracema logo após a retirada do SPI em 1955 sob a alegação de que não havia índios na região. A fazenda Iracema é popularmente conhecida como "Catequese dos Índios".

Voltamos a percorrer a GO 241 onde localizamos um sítio arqueológico numa currutela chamada Pote. O sítio foi provavelmente uma grande aldeia Avá Canoeiro. Em Canalina, uma currutela onde o povo tem muito medo de pessoas estranhas, por serem posseiros, deixamos a GO 241, e penetramos à esquerda, pela antiga estrada semiabandonada que conduzia à histórica fazenda Curriola. Após uma penosa e difícil viagem de várias horas, conseguimos chegar à histórica fazenda. Das casas primitivas se vêem apenas nos vestígios. O clima é muito agradável, pois a altitude é de 660 metros.

1.2- Município de Campinaçu

O nosso primeiro informante neste município foi o vice prefeito Sr. Ireno da Silva. Ele chegou a Campinaçu em 1960 e sempre ouviu falar dos conflitos entre os Avá Canoeiro e os posseiros assentados na Mata do Café pela Associação dos lavradores liderados por Porfírio. Segundo o que ouvia, os conflitos eram causados pelos índios que pertubavam os posseiros pegando suas ferramentas, pegando suas criações, queimando as pilhas de arroz nas roças e, finalmente, matando e mutilando

Acervo ISA

a mulher do Satu, juntamente com duas crianças. Tudo indica que os Avá Canoeiro estavam dispostos a defender seu último e ótimo reduto, a Mata do Café. Mas, diante desta resistência mortal dos índios, 6 ou 8 homens, (o informante não se lembra bem), da Associação do Porfírio, saíram armados de Campinaçu e foram juntando camaradas pelo caminho, e assim fizeram um ataque à aldeia principal da Mata do Café, causando um massacre. Alguns nomes foram lembrados: José da Pedra, o líder da turma, Luciano, Dorcinho, Clarismundo, um anti-Porfírio, que também disputava terras na Mata do Café e na hora de atacar os índios se juntou aos seus adversários. Ainda os irmãos Geraldo, Vicente, Antônio e Raimundo Jacó. Zé da Pedra e Luciano já morreram. Os Jacó moram em Minaçu.

O Sr. Francisco Ireno da Silva nos garantiu que o ataque foi em março de 1962, mas acha que a turma não matou índios, apenas os "escurraçou" para o outro lado do rio Maranhão.

Partindo desta primeira pista, conseguimos conversar com outros bons informantes, que nos pediram segredo quanto a seus nomes. Estes nos garantiram que no ataque à aldeia principal da Mata do Café, morreram alguns índios, de 4 a 7, foi o que ouviram dizer com certeza.

A informante dona Antônia, apesar de muito desconfiada, nos afirmou que no ataque à aldeia da Mata do Café morreram muitos índios. Ela não soube informar quantos, mas sabe que foram muitos. Os posseiros recuperaram grande parte de suas ferramentas, panelas e bacias. Após o ataque, a aldeia foi queimada. Dona Antônia nos informou ainda, que mesmo após este massacre, os conflitos continuaram na Mata do Café, sinal que nem todo grupo sobrevivente de Avá Canoeiro cruzou o rio Maranhão. Seu genro Alcino, por exemplo, andou atirando em índios e queimando ocas na Mata do Café, depois do massacre de 1962.

Saindo de Campinaçu para Minaçu pela GO 241, penetramos na primeira estrada, à direita, para visitar algumas fazenda da Mata do Café e tentar localizar a fazenda onde se er

guia a aldeia que foi massacrada. A região é muito montanhosa' e de difícil acesso. Por que Mata do Café? Porque os primeiros posseiros que alí entraram, encontravam pés de café perdidos esparsamente nas matas. São sinais dos bandeirantes do tempo do ciclo do ouro, Encontravam também moitas de cana, de bananas e mamoeiros que foram deixados pelos bandeirantes e cultivadas pelos Avá-Canoeiro. Os pés do café se mantiveram por sí.

A referida área é de terras férteis e está encravada nos boqueirões da Serra Dourada. A extensão desta área no sentido oeste leste é calculadamente de uns 30 a 35 km., isto é, de Campinaçu até a currutela Jacyra. No sentido norte - sul a área mede de 45 a 50 km., isto é, da GO 241 até o rio Maranhão.

Nas pesquisas da Mata do Café constatamos que os primeiros moradores da região, ou seja, aqueles que entraram em conflito com os índios, já venderam suas posses e se retiraram do local. Os atuais fazendeiros não gostam de contar a história dos conflitos iniciais com os índios. Por esta razão não conseguimos localizar a fazenda onde se erguia a aldeia massacrada' em março de 1962. Até o km. 26 onde penetramos, recebíamos sempre a informação vaga: "fica aí prá frente". Ninguém se arriscava a dizer o nome da Fazenda ou o nome de seu atual dono. Diante de tanta incerteza, enfrentando péssimas estradas, com o tempo chuvoso, o freio dianteiro do carro estourado e a barra' de estabilização quebrada, resolvamos deixar esta descoberta para uma outra oportunidade em tempo melhor.

Mas, na fazenda do Sr. Sebastião do Fumo, a 22 Km. de Campinaçu, localizamos um sítio etnoarqueológico, provavelmente ainda com algumas urnas funerárias, segundo o proprietário. Os esteios das ocas estão queimados à flor do solo. (Para maiores detalhes veja descrição do sitio nº GO-NI-71).

É provável que a população Avá Canoeiro da Mata do Café tenha sido muito intensa. Há notícias dos registros deles por todo canto. As denominações de alguns lugares acusam a pre

Acervo ISA

sença dos índios, como por exemplo: Fazenda Três Ranchos (os primeiros posseiros encontraram no local 3 ocas dos Canoeiros), Córrego da Cana e outros nomes semelhantes. A mata da região toda é semi-tropical tanto no alto da Serra como nas encostas e nos fundos dos vales. A região toda é um local ideal para o habitat de um grupo tupí como os Avá Canoeiro.

1.3- Município de Minaçu

Iniciamos aqui nossas pesquisas, procurando o Sr. Alcino, genro de dona Antônia de Campinaçu, que entrou em conflito várias vezes com os Avá Canoeiro da Mata do Café, após o massacre de 1962. Infelizmente, não o encontramos, pois estava num garimpo do rio Maranhão.

No dia 12 de janeiro de 1985, fizemos uma penetração de Minaçu em direção norte, percorrendo a estrada que cruza inúmeras fazendas. A 32 km. de Minaçu, na Fazenda Três Irmãs, do Sr. Nelson Henrique de Castro Ribeiro, na cabeceira do Córrego Rancharia, afluente da margem esquerda do rio Canabrava e na fazenda vizinha do Sr. Bernadino Rocha Guedes foram localizados dois sítios arqueológicos.

Na fazenda do Sr. Bernadino colhemos informações seguras da passagem de um grupo arredio de Avá Canoeiro na semana anterior. O grupo rondou a área durante uma semana, na tentativa de pegar galinhas e porcos, mas eram denunciados pelos cães. Da casa da Cunhada do Sr. Bernadino desapareceram algumas galinhas sem deixar penas, apesar dos alarmes dos cães. Segundo o Sr. Bernadino o grupo tomou a direção da Serra da Mesa ou das cabeceiras do Trombas. É interessante notar que, em 1984 os índios passaram por estas mesmas fazendas em janeiro e em agosto. Em agosto de 1984, dona Maria Preta deu falta de mandiocas arrancadas na roça distante da casa, sem que o pé da mandioca fosse derrubado e comentou: "não pude imaginar que bicho arranca mandioca desta maneira".

Antes de sair da fazenda Três Irmãs, recebemos a

visita do Sr. José Alves Bernadino, irmão mais velho do Sr.Bernadino, e o primeiro a chegar nesta região. Quando alí chegou há 30 anos, os índios já tinham mudado da região, mas sempre encontra cacos deles em toda roça que faz. Soube também que os índios da Mata do Café mataram uma parente distante de sua mulher, cujo nome ele já tinha esquecido. Por causa desta morte, o pessoal da Mata do Café atacou a aldeia. O José Satú que participou do ataque lhe contou que mataram 4 índios: um casal novo que, assustado com o tiroteio, saiu correndo de um barraco e foi abatido a tiros antes de alcançar a mata; um velho que, não se importando com os tiros, permaneceu deitado em sua rede de embiras fumando seu cachimbão preto e um menino de uns 4 anos que foi achado dentro de um barraco e foi morto a facão por um atacante.

Voltando a Minaçu, colhemos outras versões do massacre da Mata do Café. As estórias são muito variadas. Uns falam de mais de 40 mortos no ataque, outros não sabem o número de mortos. O que ninguém esquece é o casal de jovens, o velho com o cachimbão e o menino de 4 anos. Assim mesmo os detalhes são variados. Uma coisa foi por nós constatada: quem não participou do ataque conta o que ouviu. Quem participou não conta nada. Por isso, quando finalmente localizamos os irmãos Jacó, não insistimos em falar sobre o assunto, primeiramente porque já estávamos de saída para o Córrego dos Macados e, em segundo lugar, é preciso muito tato para chegar nestes homens e arrancar deles a verdade dos fatos.

Finalmente, chegamos ao Córrego dos Macacos após termos percorrido uma tortuosa estrada de 26 km. e navegado uns 7 km. de barco num rio perigoso. Alí encontramos os 4 Avá Canoeiro, resto de uma grande e valente nação. Mas, antes de começar nossos estudos etnológicos, devemos registrar ainda algumas informações colhidas nas redondezas: o Sr. Lourival, piloto de barco e funcionário das Furnas, velho habitante das margens do Tocantins, sempre tem visto índios nas margens do rio. Contou-nos que no verão de 1984 viu 12 Avá Canoeiro na margem esquerda do rio Preto, um afluente da margem direita do Tocantins. Eles

estavam a descoberto colhendo Jatobá. Viu velhos, jovens e crianças.

O Sr. José Cândido, sogro do auxiliar de posto Sinvaldo, nos contou como no final de 1983, logo após Reginaldo da Silva ter contatado o grupo do Iawí perdeu umas 50 galinhas, em questão de 3 noites. Tratava-se de um grupo arredio de Avá Canoeiro, que todo ano perambula pelas matas e cerrados, entre o rio Pirapitinga e o córrego do Lageado, afluentes da margem esquerda do rio Tocantins, que fica na ponta leste e encosta sul da serra da Mesa. Ainda no final de 1983, o Sr. José Cândido, ao procurar uma espera de caça, viu um elemento Canoeiro cruzar em sua frente. Mas, como estava de costas e fugiu precipitadamente, ele não soube dizer se tratava de homem ou mulher. Finalmente, entre os dias 12 e 18 de janeiro de 85, dois companheiros de caçada do Sr. Cândido viram cinco Avá Canoeiro passando à distância, no cerrado, nas proximidades do vale do Pirapitinga. Foi constatado no local grande quantidade de broto do coqueirinho babão arrancado, com o palmito já comido por eles.

No dia 21/01/85 alguns funcionários das Furnas nos informaram que um grupo de Avá Canoeiro estava rondando a sede da fazenda do Sr. Onofre, à margem direita do rio Tocantins, um pouco acima do acampamento das Furnas.

Com todas estas informações e averiguações "in loco", chegamos à conclusão de que ainda existem grupos arredios de Avá Canoeiro perambulando pela margem esquerda do rio Maranhão-Tocantins. Massacrados na Mata do Café nos anos 60, eles se fracionaram em grupos familiares para conseguir sobreviver. Como os grupos tupí possuem fortes laços familiares, os poucos sobreviventes da grande nação correm o risco de desaparecer por não poderem se casar, porque os elementos do grupo são parentes próximos e como tudo indica, um grupo não está tendo contato com o outro. Esta é a situação do grupo do Iawi, que está no final da linha por falta de casamento e quando falamos com ele

Acervo ISA

em sair atrás dos outros parentes, ele sempre nos respondeu : "Não! Parente meu morreu tudo! Acabou!"

Acervo ISA

CONCLUSÃO

Os objetivos que buscamos em termos etno-históricos, foram atingidos e ultrapassaram nossa expectativa. O sucesso de tudo isto atribuímos à população dos três municípios que pesquisamos. As pessoas sempre nos atenderam muito bem e sempre nos deram boas informações. A confiança que depositaram em nosso trabalho foi algo surpreendente. Desta maneira podemos documentar toda a tragédia da nação Avá Canoeiro. Deixamos a descoberto a responsabilidade dos funcionários do SPI, que dirigia o posto de atração da Fazenda Iracema nos anos 50 e fecharam o posto alegando a não existência de índios na área. Fato inexplicável, porque a menos de 60 km., a Mata do Café estava cheia de Avá Canoeiro em conflitos com os primeiros posseiros. No mesmo ano 50, tio Calu construía a primeira casa, onde hoje se ergue Campinaçu. Tio Calu constantemente via índios passando pelas campinas em direção à serra, onde se encrava a Mata do Café. Estes funcionários do SPI eram cegos, surdos, não conversavam com ninguém? Apesar de tudo, sentimos que devemos criar mais coragem e fazer algo de bom e justo a favor dos grupos arredios de Avá Canoeiro, que ainda existem, talvez vivendo seus últimos anos.

2- LOCALIZAÇÃO DE SÍTIOS ETNO-ARQUEOLÓGICOS E ARQUEOLÓGICOS

INTRODUÇÃO

Enquanto se fazia o levantamento Etni-histórico foi feita também a localização de sítios Etno-arqueológicos e arqueológicos. Os sítios Etno-arqueológicos são aqueles onde, num passado próximo ou distante, existia sobre eles uma aldeia Avá Canoeiro. Os sítios arqueológicos são aqueles em que nossos informantes não eram capazes de identificar o grupo de índios que ali morou. Dentro da primeira categoria classificamos o sítio GO-NI-69 (Aldeia Avá-Canoeiro massacrada em 1933 pelos Correias e seus foliões), o sítio GO-NI-74 (Oca Avá Canoeiro do grupo do Iawí). Os outros 8 sítios são colocados dentro da segunda categoria, ou seja, sítios arqueológicos, porque, por enquanto, não temos certeza se pertenciam à nação Avá Canoeiro. No entanto, partindo de um estudo os sítio GO-NI-69 e do sítio GO-NI-74 todos os sítios Avá-Canoeiro do Tocantins poderão ser identificados, com uma grande margem de segurança e um grande mergulho na pre-história do grupo.

Para maiores detalhes veja a descrição de cada sítio que se segue:

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP
PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

1 - Sítio arqueológico: GO-NI-65

2 - Lugar:

3 - Estado: Goiás 4 - Município: FORMOSO 5 - Distrito:

6 - Designações anteriores da localidade (ou sítio arqueológico):

7 - Proprietário e endereço: Não fomos a sede da fazenda - O sítio se encontra próximo à fazenda Boa Vista, a beira da Rodovia 142, Formoso-Vila Dourada, a 5 km do Município de Formoso.

8 - Proprietários anteriores, datas e endereços:

9 - Arrendatário ou morador atual:

10 - Atitude em relação ao sítio ou pesquisa:

11 - Delimitação e descrição do sítio arqueológico: Não foi possível delimitá-lo. Este encontra em um suave aclive.

12 - Área: 13 - Espessura: 14 - Altura:

15 - Vegetação: Cerrado 16 - Água mais próxima: córrego da Pipoca

17 - Tipo de solo do local:

18 - Tipo de solo dos arredores:

19 - Pesquisas ou escavações anteriores:

20 - Bibliografia:

21 - Possibilidade de destruição: o local foi arado

22 - Tipo de cultivo atual: milho e arroz 23 - Erosão:

24 - Construções, estradas, etc.:

25 - Material arqueológico (sepultamentos, sinais de casas, petroglifos, artefatos, etc.): Um fragmento de cerâmica, o qual celetamos.

26 - Material recolhido a (Instituição): IGPA

27 - Endereço:

28 - Fotos: 29 - Arquivo de:

30 - Desenhos ou material suplementar:

31 - Método empregado na pesquisa:

32 - Pesquisador(es): Mário Arruda da Costa e Dulce Madalena Rios Pedroso

33 - Registrado por: Idem 34 - Data: 03 / 01 / 1985

Acervo ISA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP
PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

Sítio arqueológico: Paramos na fazenda Boa Vista (onde pensavamos ser a sede
Lugar: da fazenda onde encontramos o sítio), os moradores disseram que
quando o terreno foi arado, encontram alguns fragmentos de cerâmica.

Item N.º:

Registrado por: **Data:** / /

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP
PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

1 - Sítio arqueológico: GO-NI-66

2 - Lugar: Região do Sapato

3 - Estado: Goiás 4 - Município: Formoso 5 - Distrito:

6 - Designações anteriores da localidade (ou sítio arqueológico):

7 - Proprietário e endereço: Dona Joaninha (viúva) - Seguindo pela Rodovia 142-Formoso-Vila Dourada, a 2 km antes de chegar nesta última, entra

8 - Proprietários anteriores, datas e endereços: em um corredor a esquerda (rumo Formoso-Vila Dourada), a sede fica a menos de 2 km da rodovia.

9 - Arrendatário ou morador atual:

10 - Atitude em relação ao sítio ou pesquisa:

11 - Delimitação e descrição do sítio arqueológico: Parece ter sido uma aldeia grande. Os fragmentos eram abundantes e estavam dispersos. Não foi possível delimitar o sítio em virtude do mato estar se recuperando, no local próximo onde encontramos vários fragmentos de cerâmica.

12 - Área: 13 - Espessura: 14 - Altura:

15 - Vegetação: Cerrado 16 - Água mais próxima: córrego do sapato + 200m do Sítio

17 - Tipo de solo do local:

18 - Tipo de solo dos arredores:

19 - Pesquisas ou escavações anteriores:

20 - Bibliografia:

21 - Possibilidade de destruição: o local foi roçado

22 - Tipo de cultivo atual: moto encapoeirado 23 - Erosão:

24 - Construções, estradas, etc.:

25 - Material arqueológico (sepultamentos, sinais de casas, petroglifos, artefatos, etc.): fragmentos de cerâmica em grande quantidade. Foi realizada uma pequena coleta

26 - Material recolhido a (Instituição): IGPA

27 - Endereço:

28 - Fotos: 29 - Arquivo de:

30 - Desenhos ou material suplementar:

31 - Método empregado na pesquisa:

32 - Pesquisador(es): Mário Arruda da Costa e Dulce Madalena Rios Pedroso

33 - Registrado por: Idem 34 - Data: 03 / 01 / 1985

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP

PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

Sítio arqueológico: Coletamos a cerâmica de duas manchas. Uma delas fica ao
Lugar: longo da estrada que vai até a sede, onde o trator havia passado,
e formou um barranco de ± 20 cm, onde a cerâmica foi depositada, aflo-
rando (lugar que dista ± 300m da sede). a outra mancha, fica bem perto
Item N.º: da sede, ± 100 m fora da estrada, e do lado esquerdo desta (em
direção à sede), numa concentração de Babaçu. Coletamos cerâmica desta
duas manchas. O filho da D. Joaninha nos informou que na ocasião que
roçaram a área, foram encontrados grande quantidade de cerâmica, e até
vasilhames inteiros de várias formas e tamanhos. Ele mesmo encontrou um
pequeno vasilhame com pintura vermelha e preta. Nesta região é imensa
a quantidade de Babaçu, o que o filho da proprietária chamou de "praga".

Registrado por: _____ **Data:** ____/____/____

Acervo IGPA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP
PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

1 - Sítio arqueológico: GO-NI-67

2 - Lugar: Fazenda Esmeralda

3 - Estado: Goiás 4 - Município: Formoso 5 - Distrito:

6 - Designações anteriores da localidade (ou sítio arqueológico):

7 - Proprietário e endereço: Benedito Correia Miranda - 7 km de Formoso, na rodovia 142 - Formoso - Vila Dourada. Logo depois da fazenda Boa Vista, no segundo corte de serra, vire a esquerda, e ± a 500m está a sede da fazenda.

8 - Proprietários anteriores, datas e endereços:

9 - Arrendatário ou morador atual:

10 - Atitude em relação ao sítio ou pesquisa:

11 - Delimitação e descrição do sítio arqueológico: Terreno plano, com 57 m em linha reta defronte a sede, onde passava a antiga rodovia - Formoso - Vila Dourada, e perpendicularmente 63 m, ocupando o quintal e o chiqueiro.

12 - Área: 13 - Espessura: 14 - Altura:

15 - Vegetação: Cerrado 16 - Água mais próxima: Córrego da pipoca ± 2km do sítio, e outro corrego sem denominação local

17 - Tipo de solo do local:

18 - Tipo de solo dos arredores:

19 - Pesquisas ou escavações anteriores:

20 - Bibliografia:

21 - Possibilidade de destruição: O trator passou no local, época em que foi aberta a antiga rodovia - Formoso - Vila Dourada.

22 - Tipo de cultivo atual: Antiga rodovia e quintal da casa 23 - Erosão:

24 - Construções, estradas, etc.:

25 - Material arqueológico (sepultamentos, sinais de casas, petroglifos, artefatos, etc.): Abundante material cerâmico, foi efetuada uma pequena coleta dos fragmentos de cerâmica. Havia um pilão de pedra sabão que foi apenas fotografado.

26 - Material recolhido a (Instituição): IGPA

27 - Endereço:

28 - Fotos: 29 - Arquivo de:

30 - Desenhos ou material suplementar:

31 - Método empregado na pesquisa:

32 - Pesquisador(es): Mário Arruda da Costa e Dulce Madalena Rios Pedroso

33 - Registrado por: Idem 34 - Data: 04 / 01 / 1985

Acervo ISA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP

PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

1 - Sítio arqueológico: GO-NI-68

2 - Lugar: Arcaçulândia (conhecido como Pote)

3 - Estado: Goiás 4 - Município: Campinaçu 5 - Distrito: Arcaçulândia

6 - Designações anteriores da localidade (ou sítio arqueológico): Pote

7 - Proprietário e endereço: O local é um pequeno lugarejo, fica na rodovia 241 - Formoso - Campinaçu

8 - Proprietários anteriores, datas e endereços:

9 - Arrendatário ou morador atual:

10 - Atitude em relação ao sítio ou pesquisa:

11 - Delimitação e descrição do sítio arqueológico: O sítio se localiza em uma baixada, de ambos lados da rodovia 241. A antiga rodovia está ao lado direito da rodovia 241 (direção: Formoso-Campinaçu). Onde encontramos uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica. Parece ter sido uma grande aldeia.

12 - Área: 13 - Espessura: 14 - Altura:

15 - Vegetação: Cerrado 16 - Água mais próxima: Rio Cana-Brava, Córrego Araçu, e outros sem denominação local.

17 - Tipo de solo do local:

18 - Tipo de solo dos arredores:

19 - Pesquisas ou escavações anteriores:

20 - Bibliografia:

21 - Possibilidade de destruição: Foi utilizado o trator na área, na ocasião que abriram a antiga estrada.

22 - Tipo de cultivo atual: 23 - Erosão:

24 - Construções, estradas, etc.:

25 - Material arqueológico (sepultamentos, sinais de casas, petroglifos, artefatos, etc.): Material cerâmico abundante. Foi efetuada uma pequena coleta, na antiga estrada que é paralela o atual rodovia-241.

26 - Material recolhido a (Instituição): IGPA

27 - Endereço:

28 - Fotos: 29 - Arquivo de:

30 - Desenhos ou material suplementar:

31 - Método empregado na pesquisa:

32 - Pesquisador(es): Mário Arruda da Costa e Dulce Madadela Rios Pedroso

33 - Registrado por: Idem 34 - Data: 04 / 01 /1985

Acervo ISA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP

PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

Sítio arqueológico: Este distrito tomou a denominação de Pote, porque durante
Lugar: a abertura da antiga rodovia, foi encontrado um "grande pote com ossos dentro", esta informação conseguimos em Formoso, Pote, Campinaçu e nas fazendas destes municípios.

Item N.º: Os moradores de Pote (atual Arcaçulândia) nos informou que foram encontrados em todas as adjacências do distrito, abundantes fragmentos de cerâmica.

Registrado por: _____ **Data:** ____/____/____

Acervo ISA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP
PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

1 - Sítio arqueológico: GO-NI-69

2 - Lugar: Fazenda Onça

3 - Estado: Goiás 4 - Município: Formoso 5 - Distrito:

6 - Designações anteriores da localidade (ou sítio arqueológico):

7 - Proprietário e endereço: José Augusto Costa (Casusa). Na rodovia 241 direção Formoso-Campinaçu. À 12 km de Formoso, virando a esquerda

8 - Proprietários anteriores, datas e endereços: passando por uma cancela, a fazenda fica a 5 km.

9 - Arrendatário ou morador atual:

10 - Atitude em relação ao sítio ou pesquisa:

11 - Delimitação e descrição do sítio arqueológico: O sítio fica num vale entre duas serras. Não foi possível delimitar a área do sitio, devido ao mato ter ocupado o local.

12 - Área: 13 - Espessura: 14 - Altura:

15 - Vegetação: Cerradão 16 - Água mais próxima: Cabeceira do córrego Lage do Meio. A± 150m do sítio.

17 - Tipo de solo do local:

18 - Tipo de solo dos arredores:

19 - Pesquisas ou escavações anteriores:

20 - Bibliografia:

21 - Possibilidade de destruição: o local foi roçado

22 - Tipo de cultivo atual: mato encapoeirado 23 - Erosão:

24 - Construções, estradas, etc.:

25 - Material arqueológico (sepultamentos, sinais de casas, petroglifos, artefatos, etc.): fragmentos de cerâmica em abundância. Foi realizada uma pequena coleta.

26 - Material recolhido a (Instituição): IGPA

27 - Endereço:

28 - Fotos: 29 - Arquivo de:

30 - Desenhos ou material suplementar:

31 - Método empregado na pesquisa:

32 - Pesquisador(es): Mário Arruda da Costa e Dulce Madalena Rios Pedroso

33 - Registrado por: idem 34 - Data: 05 / 01 /1985

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP

PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

Sítio arqueológico: Este sítio, foi antiga aldeia Avá-Canoeiro (segundo in-
Lugar: formações de vários fazendeiros da região) e que por volta de 1930, esta aldeia dizimada-vide-relatório. O atual morador que vive nesta fazenda a 25 anos, disse que quando ele chegou na região, havia
Item N.º: uma pequena roça de banana São Thomé e Cana, e ainda alguns esteios de aroeira e vários fragmentos de cerâmica.

Na região da fazenda e na serra próxima a sede, possui afloramentos quase que contínuos de quartzo leitoso e hialino, e pelo que pudemos observar, parece não ter sido utilizado como matéria prima para confecção de artefatos líticos.

Registrado por: _____ **Data:** ____/____/____

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP
PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

1 - Sítio arqueológico: GO-NI-70

2 - Lugar: Fazenda Cabana - parte da fazenda Queixada da Curriola

3 - Estado: Goiás 4 - Município: Campinaçu 5 - Distrito:

6 - Designações anteriores da localidade (ou sítio arqueológico): Antiga fazenda Curriola (Cunha Mattos, 1824).

7 - Proprietário e endereço: Antônio Marques de Carvalho. Em canalina segue pela antiga estrada para Campinaçu. A fazenda fica a 13 km de canalina.

8 - Proprietários anteriores, datas e endereços: Aroldo Gurgel e família Voz.

9 - Arrendatário ou morador atual:

10 - Atitude em relação ao sítio ou pesquisa:

11 - Delimitação e descrição do sítio arqueológico: Não foi possível - encontrarmos alguns fragmentos esparsos de cerâmica indígena e neo-brasileira, no quintal da sede da fazenda. O sítio se localiza e vasto terreno plana cerrado de serras, de clima bastante agradável nesta época do ano.

12 - Área: 13 - Espessura: 14 - Altura: 760.

15 - Vegetação: Cerrado 16 - Água mais próxima: Córrego passa-três (antigo 2 irmãos) ± 100 m do sítio.

17 - Tipo de solo do local:

18 - Tipo de solo dos arredores:

19 - Pesquisas ou escavações anteriores:

20 - Bibliografia:

21 - Possibilidade de destruição: O local se encontra bastante danificado.

22 - Tipo de cultivo atual: milho e quintal da fazenda 23 - Erosão:

24 - Construções, estradas, etc.:

25 - Material arqueológico (sepultamentos, sinais de casas, petroglifos, artefatos, etc.): fragmentos de cerâmica indígena - vestígios da ocupação do branco. Foi realizada uma pequena coleta.

26 - Material recolhido a (Instituição): IGPA

27 - Endereço:

28 - Fotos: 29 - Arquivo de:

30 - Desenhos ou material suplementar:

31 - Método empregado na pesquisa:

32 - Pesquisador(es): Mário Arruda da Costa e Dulce Madalena Rios Pedroso

33 - Registrado por: Idem 34 - Data: 08 / 01 / 1985

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

Sítio arqueológico: Este local foi sede da antiga fazenda curriola, fazenda
Lugar: próspera em meados do século XVIII, sofrendo constantes ataques dos Avá-Canoeiro (Cunha Mattos, 1824). O morador atual destruiu os últimos vestígios da sede da fazenda Curriola, que constituia de vestí -
Item N.º: gios de três casas feitas de Taípa, ainda encontramos no local, restos de um monjolo, pedaços de panela de ferro e cerâmica neo-brasileira. Encontramos evidências de uma outra casa a + 30m do córrego passa-três, onde havia uma trava de arueira.

Registrado por: _____ **Data:** ____/____/____

Acervo ISA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP

PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

1 - Sítio arqueológico: GO-NI-71

2 - Lugar: Fazenda da Cana

3 - Estado: Goiás 4 - Município: Campinaçu 5 - Distrito:

6 - Designações anteriores da localidade (ou sítio arqueológico): Mata da cana, ou mata do café

7 - Proprietário e endereço: Sebastião Marcelino de Paula (Sebastião do fumo). Seguindo a Rodovia-241 - Campinaçu - Minaçu, logo depois da ponte, a

8 - Proprietários anteriores, datas e endereços: ± 2 km, entra numa estrada a direita. A fazenda fica a 22 km de Campinaçu.

9 - Arrendatário ou morador atual:

10 - Atitude em relação ao sítio ou pesquisa:

11 - Delimitação e descrição do sítio arqueológico: O sítio se encontra em um pequeno vale, cercada em três direções por altas serras.

12 - Área: 13 - Espessura: 14 - Altura:

15 - Vegetação: Mata Sub-tropical 16 - Água mais próxima: Córrego da Cana e Córrego Água Fria.

17 - Tipo de solo do local:

18 - Tipo de solo dos arredores:

19 - Pesquisas ou escavações anteriores:

20 - Bibliografia:

21 - Possibilidade de destruição: O local está bastante danificado

22 - Tipo de cultivo atual: Capim Jaraguá 23 - Erosão:

24 - Construções, estradas, etc.:

25 - Material arqueológico (sepultamentos, sinais de casas, petroglifos, artefatos, etc.): Vestígios de sete esteios de aroeira, e apenas um fragmento de cerâmica que foi coletado.

26 - Material recolhido a (Instituição): IGPA

27 - Endereço:

28 - Fotos: 29 - Arquivo de:

30 - Desenhos ou material suplementar:

31 - Método empregado na pesquisa:

32 - Pesquisador(es): Mário Arruda da Costa e Dulce Madalena Rios Pedroso

33 - Registrado por: Ídem 34 - Data: 09 / 01 / 1985

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP

PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

Sitio arqueológico: A região é conhecida como mata da cana, ou mata do café.

Lugar: Esta denominação se deve ao fato que, quando os posseiros iniciarem a ocupação por volta de 1960, encontraram moitas de café dispersos, e pequenas roças de cana.

Item N.º: Nas terras do Sr. Sebastião do fumo, foi encontrado a ± 100 m dos vestígios dos esteios um pequeno canavial, juntamente com fragmentos de cerâmica.

O local também é conhecido como antiga ocupação bandeirante, pois próximo a sede da fazenda existe vestígios de um córrego que teve seu curso desviado para a parimpagem de ouro.

O Sr. Jaime Marcelino, irmão do Sr. Sebastião nos disse que viu sepultamentos na fazenda do irmão. Não conseguimos localizar esses sepultamentos, devido a ausência do proprietário.

Registrado por: _____ **Data:** ____/____/____

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP
PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

1 - Sítio arqueológico: GO-NI-72

2 - Lugar:

3 - Estado: Goiás 4 - Município: Minaçu 5 - Distrito:

6 - Designações anteriores da localidade (ou sítio arqueológico):

7 - Proprietário e endereço: Bernadino Rocha Guedes - Dista 14 km do povoado Santo Antônio da Cana-Brava (Filó), vizinho da fazenda Três Irmãs.

8 - Proprietários anteriores, datas e endereços:

9 - Arrendatário ou morador atual:

10 - Atitude em relação ao sítio ou pesquisa:

11 - Delimitação e descrição do sítio arqueológico: Impossível em virtude do capoeira que tomou toda área. O sítio se encontra num vale, cercado por serras.

12 - Área: 13 - Espessura: 14 - Altura:

15 - Vegetação: Cerradão 16 - Água mais próxima: Córrego Rancharia + 80m do sítio.

17 - Tipo de solo do local:

18 - Tipo de solo dos arredores:

19 - Pesquisas ou escavações anteriores: O local foi roçado

20 - Bibliografia:

21 - Possibilidade de destruição: O local foi roçado

22 - Tipo de cultivo atual: Mato encapoeirado 23 - Erosão:

24 - Construções, estradas, etc.:

25 - Material arqueológico (sepultamentos, sinais de casas, petroglifos, artefatos, etc.) Encontramos apenas um fragmento de cerâmica o qual foi coletado.

26 - Material recolhido a (Instituição): IGPA

27 - Endereço:

28 - Fotos: 29 - Arquivo de:

30 - Desenhos ou material suplementar:

31 - Método empregado na pesquisa:

32 - Pesquisador(es): Mário Arruda da Costa e Dulce Madalena Rios Pedroso

33 - Registrado por: Ídem 34 - Data: 13 / 01 / 1985.

Acervo ISA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP

PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

Sítio arqueológico: O atual proprietário roçou esta área para plantar capim

Lugar: e encontrou vários fragmentos de cerâmica. Ele observou grandes fragmentos de cerâmica, e inclusive um cuscuzeiro (reconheceu porque sua esposa fazia cuscuzeiro e vasilhames de cerâmica).

Item N.º:

Registrado por: _____ **Data:** ____/____/____

Acervo ISA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP

PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

1 - Sítio arqueológico: GO-NI-73

2 - Lugar: Fazendas Três-Irmãs

3 - Estado: Goiás 4 - Município: Minaçu 5 - Distrito:

6 - Designações anteriores da localidade (ou sítio arqueológico):

7 - Proprietário e endereço: Nelson Henrique de Castro Ribeiro - a fazenda dista 12 km do povoado Santo Antônio da Cana Brava (Filó).

8 - Proprietários anteriores, datas e endereços:

9 - Arrendatário ou morador atual:

10 - Atitude em relação ao sítio ou pesquisa:

11 - Delimitação e descrição do sítio arqueológico: Situa-se na encosta de uma pequena serra; o local está recentemente coivarado. Os fragmentos de cerâmica foram colados, pois sempre os encontramos presos entre os paus caídos.

12 - Área: 13 - Espessura: 14 - Altura.

15 - Vegetação: Cerradão 16 - Água mais próxima: Cabeceira do córrego rancharia ± 30 m do sítio.

17 - Tipo de solo do local:

18 - Tipo de solo dos arredores:

19 - Pesquisas ou escavações anteriores:

20 - Bibliografia:

21 - Possibilidade de destruição: O local foi roçado

22 - Tipo de cultivo atual: Apenas coivarado 23 - Erosão:

24 - Construções, estradas, etc.:

25 - Material arqueológico (sepultamentos, sinais de casas, petroglifos, artefatos, etc.): Fragmentos de cerâmica. Foi realizada uma pequena coleta.

26 - Material recolhido a (Instituição): IGPA

27 - Endereço:

28 - Fotos: 29 - Arquivo de:

30 - Desenhos ou material suplementar:

31 - Método empregado na pesquisa:

32 - Pesquisador(es): Mário Arruda da Costa e Dulce Madalena Rios Pedroso

33 - Registrado por: Idem 34 - Data: 31 / 01 / 1985

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP

PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

1 - Sítio arqueológico: GO-NI-74 - Sítio Etno-Arqueológico

2 - Lugar:

3 - Estado: Goiás 4 - Município: Minaçu 5 - Distrito:

6 - Designações anteriores da localidade (ou sítio arqueológico):

7 - Proprietário e endereço: Severino Mendonça - Nesta fazenda está o Posto da FUNAI.

8 - Proprietários anteriores, datas e endereços:

9 - Arrendatário ou morador atual:

10 - Atitude em relação ao sítio ou pesquisa:

11 - Delimitação e descrição do sítio arqueológico: Pequena clareira, na encosta de uma serra e cercada por outras, constituindo um vale profundo e bastante estreito. O sítio tem uma extensão de 40x40m em forma arredondada. O sítio está abandonado a 1 ano e 7 meses.

12 - Área: 13 - Espessura: 14 - Altura:

15 - Vegetação: Cerradão 16 - Água mais próxima: Servido por 2 córregos pequenos sem denominação local.

17 - Tipo de solo do local:

18 - Tipo de solo dos arredores:

19 - Pesquisas ou escavações anteriores:

20 - Bibliografia:

21 - Possibilidade de destruição: Intacto

22 - Tipo de cultivo atual: 23 - Erosão:

24 - Construções, estradas, etc.:

25 - Material arqueológico (sepultamentos, sinais de casas, petroglifos, artefatos, etc.): Fragmentos de um cachimbo de cerâmica, restos de cocos, cabaças, flautas, maracas, pau de fazer fogo, amoladores, arcos, cesta; mandibulas: anati, tatu, porco domesticado - lâminas de machado, enxada, foice ou ferro foram roubados das fazendas).

26 - Material recolhido a (Instituição): IGPA

27 - Endereço:

28 - Fotos: 29 - Arquivo de:

30 - Desenhos ou material suplementar:

31 - Método empregado na pesquisa:

32 - Pesquisador(es): Mário Arruda da Costa e Dulce Madalena Rios Pedroso

33 - Registrado por: Idem 34 - Data: 23 / 01 / 1985

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA - IGPA
INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - IAP

PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DE GOIÁS

REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO ESTADO DE GOIÁS

Sítio arqueológico: A pequena casa dos índios foi feita com madeira de guari-
Lugar: roba, de 3 m de comprimento por 1,5 de largura, onde as estremidades da casa são arredondadas. Junto a casa está a roça, onde plantaram milho, mamão, fumo e feijão de corda.

Item N.º:

Registrado por: Data: / /

3- LEVANTAMENTO ETNOLÓGICO

INTRODUÇÃO

Neste levantamento, feito por observação direta, junto ao grupo do Iawí Canoeiro, no Córrego dos Macacos, desenvolvemos tres tipos de atividades específicas:

1- Coleta de vocabulário Avá Canoeiro do Tocantins, por meio de gravação e escrita;

2- Descrição das atitudes, o modo de ser, a maneira de fazer as coisas, individualmente e em grupo dos 4 Avá Canoeiro já em contato;

3- Descrição e análise dos instrumentos de uso mais constante do grupo e de alguns aspectos culturais.

3.1- Coleta de Vocabulário Avá Canoeiro e uma primeira tentativa de análise

As palavras colhidas por nós são aproximadamente umas 200. Não sabemos ainda o número exato porque o trabalho de análise das gravações ainda não terminou. São nomes de objetos, aves, animais, insetos, árvores e partes do corpo humano. Estas palavras coletadas e gravadas, por enquanto, servem apenas para o nosso uso pessoal no contato com este grupo, ou num futuro próximo, num contato com um grupo arredio.

Segue-se a primeira tentativa de análise linguística do vocabulário Avá Canoeiro do Tocantins feita pelas pesquisadoras Dulce Madalena Rios Pedroso, Leda Teresinha e Maria Cira.

Ao fazermos os primeiros contatos com um grupo Avã Canoeiro, constituído por 4 elementos, procuramos estabelecer' com eles uma comunicação, a fim de iniciarmos as bases para um posterior estudo linguístico.

3.1.1- Dentre as palavras por nós coletadas, encontramos um maior número de substantivos. Isto porque procuramos obter as palavras apontando os objetos, partes do corpo humano e elementos da natureza. Exemplo:

itaky.....faca
diquagua.....machado
itapugule.....enxada
itaqueu.....facão
akã.....cabeça
kãma.....peito
mea palhe.....banana
mõja.....cobra

3.1.2- Conseguimos apenas dois pronomes possesivos:

Ci = meu
Ni = seu
Ci gãcipi tõ = minha bochecha
Ni gãcipi tõ = sua bochecha

3.1.3- Notamos a presença de todas as vogais:

jacu - (tõ) = jacũ
itanymilhe = prego
p'etuma = fumo
awapõ = mão

Existe uma predominancia da vogal a.

Tupãma = corda de nylon, corda de algodão
Cai (tõ) = macaco
Diqwaca = lima de ferro

A vogal a aparece guturalizada inúmeras vezes:
mogaka = maracá

Acervo ISA

awapykau = espoleta
cicimakaja = minha perna

Quando aberta, muitas vezes, se destaca como a sílaba mais forte. Exemplo:

ãmana = chuva
kumanã = feijão
diãpaga = foice
mãpega = papel

A vogal a aparece ainda nasalada:

kãma = peito
akã = cabeça
tupãma = corda

A vogal i, em alguns casos, tende a guturalizar - se.

awiakigue = garganta
awinaknagwa = coração

A vogal e aparece com o timbre fechado:
p'etêma-tô = folha de fumo
awapeku = língua
ou reduzido:

nĩje-tõ-wattõ = filho ou bebê

A vogal o é a que encontramos com menos freqüên - cia. Ela se apresenta ora nasalada, ora com o som fechado:
mokãnua = guariroba
awaciô = palha de milho
kô = roça
watõ e expressão que acompanha as palavras usadas pelas mulheres.

3.1.4- As consoantes
As consoantes mais frequentes são:
t - g - k - p
yãga (tõ-ẽ-acojã) = canoa
awapeku = língua

awp'ip'pauga = axilas

p'etuma = fumo

A consoante t aparece aqui sempre como uma oclusiva linguodental surda.

As consoantes k - g aparecem intensamente guturalizada nas palavras que coletamos:

mokawai-ugu = cartucho de espingarda.

O p, consoante labial, oclusiva, sonora, encontra se em um grande número de palavras coletadas. Aqui aparece com a particuparidade de, ao ser pronunciada, acumular-se um volume maior de ar na boca, antes de sua emissão:

itap'ê =

tapítê = boi

As constritivas "c" - "j" e a oclusiva "d" aparecem combinadas respectivamente nos sons ta,dy,dz:

cikogua = mandibula de quatí

omonjú = algodão

môja = cobra

As constritivas m - n aparecem, nas palavras que foram coletadas, com bastante frequência:

Mai = branco

awanimitaga = barba

kumaná = feijão

itamimi = recipiente de vidro

mokanua = guariroba

Constatamos a ausência das consoantes f-b-v-z.

As consoantes Y.-w se apresenta marcadamente com os sons de "i" - "u" respectivamente e bastante gruturalizados:

yúka = pau

áky = coquinho de guariroba

Iwaciga = flor roxa do cerrado

kygwa = garfo

Notamos tambem a presença do grupo lh que é pronunciado de forma semelhante a gl.

Acervo ISA

awalhap'ika = sobrancelha
taqwalha = rapadura = cana
tapilha = anta

Quanto à estrutura da língua por nós observada notamos algumas particularidades dignas de nota.

a)- Os substantivos próprios vêm antes da coisa possuida: Matcha mogaka = a maraca de Matcha
Iawi kô = roça de Iawi

O mesmo acontece com os pronomes possesivos:
ci-piatô = minha barriga
ni-kup'i - tô = suas costas

b)- Notamos ainda, a existência de expressões que caracterizam a linguagem usada pelo homem e pelas mulheres:

homem: awapõ = mão
awanimiguapau = garganta

HOMEM	MULHER
AWAPÕ = mão	CI-PÔ = minha mão
Quando o homem fala as palavras relativas à partes do corpo humano, utiliza o prefixo awa ou aw.	Quando a mulher fala as palavras relativas à partes do corpo humano, coloca o pronome possessivo anterior a palavra.
ITANAI = lata	ITANAI - tõ-ẽ-acojá
kô = roça	kô - tõ-ẽ-acojá
môja = cobra	môja - tõ-ẽ-acojá
O homem fala a palavra simples.	A mulher acrescenta à palavra a terminação tõ-ẽ-acojá

3.2- Descrição das atitudes, modo de ser, a maneira de fazer as coisas, individualmente e em grupo dos 4 Avá Canoeiro já em contato.

Durante nove dias, registramos por observação direta, os aspectos acima mencionados dos quatro indios, que estão no posto de consolidação de contato Avá Canoeiro do Córre-

Acervo ISA

go dos Macacos.

Citamos aqui o nome dos quatro Avã Canoeiro, a idade aproximada, a possível relação de parentesco, o modo de ser e fazer as coisas.

Matcha Canoeiro - Mais ou menos 40 anos. É possivelmente a mãe de Iawí e Tuia.

Naquatcha Canoeiro - Mais ou menos 35 anos. É possivel que seja parente afim de Matcha.

Iawí Canoeiro - Mais ou menos 25 anos. É possivelmente filho de Matcha e irmão de Tuia. Foi criado pelas duas índias mais velhas.

Tuia - Mais ou menos 15 anos. É provavelmente filha de Matcha e irmã de Iawí.

Cada um dos quatro elementos tem caracteristicas individuais bem distintas. Matcha é muito simpática, tranqüila, delicada e de aparência e colhedora. Costuma falar baixinho e parece sempre nos contar uma longa estória. Mesmo com toda esta delicadeza é uma mulher muito forte e decidida no que quer e no que faz. Foi muito severa com Iawí, certa vez, por não ter avisado que ia dormir fora, no acampamento dos funcionários das Furnas. Segundo Luzia, esposa do Auxiliar do posto, Matcha, certa vez, bateu severamente na Tuia, porque esta lhe deu um tapa no braço. As atitudes dela em relação a Tuia e Iawí são atitudes de mãe, senão consanguínea, pelos menos de criação. Sempre passa a Tuia um pouco do que está comendo. Costuma catar e comer os piolhos da cabeça da menina. Muitas coisas que Iawí faz é sobre a orientação de Matcha. É uma mulher de muita força e preparo físico. Sempre que sai para caçar, volta com sua presa. Anda no mato com muita agilidade e segurança. Pudemos vê-la flechando com muita força e segurança. Quando algum deles sente dor de cabeça ou qualquer outro mal estar, se mantém na oca e é Matcha quem passa dia e noite cantando, fumando seu cachimbão e tocando sua maracá numa espécie de ritual para debelar a doença. Matcha se caracteriza por sua observação

Acervo ISA

e zelo pelas coisas. Na casa do Sinvaldo e Luzia ela procede a modo deles no trato com as galinhas e cães e no cuidado com os utensílios de cozinha. Como a mais antiga sobrevivente do grupo se viu obrigada a fazer mudanças culturais profundas modificando-se no seu papel de mulher, por exemplo: usa arco e flecha, toca flautas, toca maracás, caça e come seus chirimbabos.

Naquatcha é uma índia inquieta, fala alto e rápido e se irrita com facilidade. É muito curiosa e meche em tudo. Ao contrário dos outros, às vezes pega coisas das pessoas sem pedir. Um dia, pegou o caderno onde a pesquisadora Dulce anotava as palavras canoeiro e o levou para sua oca sem ninguém ver. Não foi fácil conseguir o caderno de volta. Seus gestos e movimentos são sempre exagerados. Anda sempre muito apressada e costuma cair e se machucar. Seus carinhos são sempre tapas fortes ou abraços apertados. Não tem muito cuidado com os objetos que usa e nem segue os costumes da casa da Luzia. Costuma sentar-se sobre o fogão para aquecer as pernas e para combater a coceira das picadas de mosquitos (miction). Seu corpo é todo marcado por cicatrizes de cortes de facão, foice e ponta de pau. Entre as mulheres é a que mais obedece a Iawí. Quando Iawí sai ordena sempre às tres mulheres que permaneçam na oca. Matcha e Tuia, às vezes desobedecem, Naquatcha não. Quando vai sair só, sempre avisa a Iawí para onde vai e quando volta.

Iawí é o único homem do grupo. É um índio muito brincalhão. Vive sempre rindo dos brancos (mai). É muito inteligente, ótimo observador, atencioso, prestativo, disposto e obediente, mas inquieto e preocupado. Ultimamente, vem assumindo o papel de homem e lider da família. Como foi criado por Matcha e Naquatcha, sem a companhia de outro homem sofreu a inversão de papéis em certos aspectos culturais tupis. Permite que as mulheres flechem, toquem flauta, cacem, etc. Costuma controlar tudo em sua volta. Sabe sempre onde estão as mulheres e o que estão fazendo. Não gosta que as mulheres peguem faca ou facão dentro de casa. Apesar de ter o corpo franzino tem muita força e agilidade em tudo que faz. É muito hábil no manejo de canoas e conhece muito bem o rio. Demonstra um grande

Acervo ISA

senso de observação. Com apenas um ano e meio de contato já entende quase tudo que se fala em português. Quando alguém fala ou faz uma coisa de que ele não gosta costuma apontar para a espingarda (mukã) e dizer que vai abater a pessoa a tiros. No entanto, quando vê dois de nós discutindo, ou empurrando um ao outro, vem correndo e dizendo: "pode não, pode não". Separa as pessoas e fica vigiando de perto, quase sempre protegendo a pessoa que foi agredida, seja ela a mais fraca ou a mais forte. Certo dia, no terreiro do Sinvaldo, Márcia brincando capoeira, deu uns potapés em Mário e depois uns tapas em suas costas. Quando Mário se retirou dizendo que não estava de brincadeiras, Iawí percebeu a situação. Correu afastando Márcia e repetindo "pode não, pode não". Em seguida colocou-se ao lado de Mário dando-lhe proteção. Mas, segundo Sinvaldo, a briga entre eles chega a ter certa violência. Iawí já bateu muito na Tuia com tapas e pontapés. Certa vez, brigou com todas as mulheres, e Matcha, sua provável mãe, desceu uma acha de lenha na cabeça dele. Ele se retirou meio tonto da oca e avisou Sinvaldo que passaria a morar na casa de Benedito, pai de Reginaldo e iniciou a caminhada de 12 km. naquela direção. Mais tarde, as mulheres saíram atrás, e no outro dia chegaram com ele de volta.

Percebemos muito claramente que ele sente falta de uma esposa. Mas, não gosta que as índias percebam isso. Quando estava só fazia convites para as pesquisadoras morarem com ele na oca. Mas, quando uma das índias se aproximava para ouvir o papo, ele passava a dizer que ia matar as pesquisadoras' e mandá-las para Minaçu.

Tuia é uma jovem ainda de aspecto infantil. Vive rindo, correndo e caindo. Gosta de sentar-se perto da gente e ficar repetindo as mesmas palavras ou as mesmas frases. Quando se aproxima da gente é sempre se abraçando e exigindo carinhos como qualquer criança. Ela não conversa muito com os outros índios e as vezes desobedece a todos. Nem sempre segue as ordens de Iawí, chega mesmo a protestar contra as ordens de seu provável irmão. Seu estado de saúde não nos pareceu mui

to bom. Temos a impressão de que está com o baço fortemente inflamado, talves, resquícios das malárias que contraiu antes do contato.

3.3- Descrição dos instrumentos de uso mais constantes do grupo e análise de alguns aspectos culturais

Vários elementos materiais continuam encravados no centro do universo cultural do grupo Avá Canoeiro do Iawí. Entre estes elementos se destacam os seguintes:

3.3.1- O cachimbo. É uma peça toda especial. É feito de barro, sempre negro, grosso, forte e pesado com um cabo de taquara, quase sempre amarelado. É provavel que não seja um cachimbo apenas para fumar, mas é também um elemento ligado ao ritual de cura pela defumação. É o único material de cerâmica que o grupo do Iwaí continua fabricando.

3.3.2- A cabaça. É um recipiente de muita importância para o grupo. Além de recipiente para conter água e mel, serve para fazer cuias e aprisionar papagaios e periquitos. Essa cabaça "gaiola" tem uma abertura circular com a tampa lacrada com cera de abelha.

3.3.3- As Maracas (Mogaka). São peças feitas de cabaças. Um cabo de arueira atravessa a cabaça em sentido vertical passando pelo centro do disco que forma a tampa da maraca (mogaka). Esta peça isolada da cabaça dá a impressao de um fuso. Através desta tampa se colocam as sementes silvestres que produzem o som de choqualho. Cada elemento do grupo tem mais de duas maracas e depois de certo tempo de uso são abandonadas, pois nas duas ocas que visitamos encontramos maracas de todo tamanho jogadas por todo lado. As maracas são usadas no ritual de cura juntamente com o cachimbo e o fumo.

3.3.4- O Fumo (P'etuma). É muito consumido pelos 4 Avá Canoeiro. A folha é colhida e depois de seca é amassada e levada diretamente ao cachimbo. É consumido intensamente no ritual de cura.

Acervo ISA

3.3.5- As Flautas. São feitas de bambu grosso, medindo de 60 a 70 cm. Tem 4 pequenos buracos no meio. É simples sem nenhum enfeite. Cada elemento do grupo tem pelo menos uma flauta a sua disposição. Segundo a informação do auxiliar de posto Sinvaldo e nossa observação, a música parece ser sempre à mesma.

3.3.6- O Chama Boi (Tapíte). É uma peça feita de um pedaço de bambu grosso na ponta do qual se encaixa um chifre de boi. Soprado com força produz um som como se fosse uma vaca berrando. Encontramos uma única peça na oca primitiva do Iawí já desprovida do chifre. Iawí riu muito quando nos descreveu a peça. Perguntado se esta peça era para atrair bezerro para ser morto, Iawí falou: "pode não", fechou a cara e encerrou o assunto.

3.3.7- As lanças ou Xuchos. Esta peça consiste de uma vara ou taquara na ponta da qual se encaixa uma lâmina de faca, facão ou foice. Parece ser esta a principal arma de caça do grupo. Algumas destas lanças chega a medir mais de dois metros. Como o grupo tem muito medo de onça deve saber muito bem que não se cutuca onça com vara curta.

3.3.8- Arcos e Flechas. Estas armas eram certamente usadas antes do contato, pois na oca primitiva encontramos vários arcos. Iawí separou 3 deles dizendo: "este Matcha, este Naquatcha, este meu". Diante de nossa insistência ele colocou corda num destes arcos. Começamos a flechar com uma vara que encontramos no terreiro. Iawí recusou-se a fazer. Apenas ria muito e zelava de todos para que não ficasse na frente. Matcha e Naquatcha tentaram, mas apesar do jeito que demonstravam não conseguiram, pois a vara escorregava da corda lisa de nylon. Mais tarde, Matcha foi para o mato e voltou com uma taquara própria para flecha. Pegou uma pena de asa de galinha e preparou a flecha deixando a pena meio torcida. Matcha lançou a flecha com muita perfeição e a uma boa altura. Iawí animou-se a flechar também. Exigiu que todos saíssem de perto e flechou contra a copa de uma alta gueroba. A flecha ficou presa entre as folhas da palmeira. A festa acabou!

Sabemos por meio deles, que, quando o grupo foi dizimado, provavelmente por malária ou um ataque de posseiros nos últimos doze anos, Iawí e Tuia eram ainda crianças. Violentando toda a tradição tupí Matcha e Naquatcha tiveram que pegar em arco e flecha para sobreviverem!

3.3.9- As Sacolas. É um elemento sempre presente entreeles. Como são muito andarilhos, carregam tudo que possuem nesta sacolas, até mesmo bichos e aves. Já há muito tempo pegavam os sacos de arroz dos posseiros para adaptá-los como sacolas de transporte.

3.3.10- Os Pauzinhos de fazer fogo (tata).

Sempre que possível carregam consigo um tição de de fogo. Mas se por acaso este tição apaga arrancam novas chamas dos dois pauzinhos. Na antiga oca do Iawí encontramos' três varetas que se transformariam em pauzinhos de fazer fogo. Hoje este constume está desaparecendo, mas Iawí ainda guarda' consigo uma vareta, e diz que "tata" é o que sai das varetas, o que sai do fósforo ou esqueiro é fogo.

3.3.11- Ferramentas. As ferramentas como faca , facão, machado, enxada, foice e etc. há tempo foram introduzidas no mundo Canoeiro. Provavelmente desde os tempos das bandeiras. Estas ferramentas são adaptadas e usadas a moda do grupo. Muitas facas, facões e foices se transformam em ponta de lança.

3.3.12- Panelas. Atualmente não possuem nenhuma panela de barro. Mas na aldeia massacrada do córrego Lage do Meio em 1933 havia uma grande quantidade de vasilhame de barro e de pedra, como podemos ver ainda pelos vestígios. Mas na Mata do Café, segundo os informantes, as panelas já eram de alumínio e ferro, retiradas das casas dos posseiros.

3.3.13- Canoa e Remo. Pelo modo como manejam a canoa tudo indica que o grupo do Iawí pertence mesmo a famosa, histórica e aguerrida nação Avá-Canoeiro. A última canoa que este grupo fabricou foi por volta de 1972, 73, quando cruzaram o rio Tocantins da margem direita para a margem esquerda,

Acervo ISA

na altura do Córrego dos Macacos. Esta canoa que tinha mais o formato de um cocho, foi encontrada por Antonio Bonis, um auxiliar do Praxedes debaixo de uma galhada no Córrego dos Macacos.

Depois do contato o grupo passou a utilizar a canoa da Funai, uma Lumar de 6 m. Mesmo nesta canoa, que não é feita para ser impulsionada e pilotada a remo, Iawí e as mulheres demonstram muita perícia. Atualmente estão com uma pequena canoa de um posseiro, Lourival Piloto. Com esta canoa eles fazem o que querem, tanto nas águas calmas do Córrego dos Macacos como nas águas violentas do Tocantins.

3.3.14- O Pilão. É uma peça escavada ao fogo num tronco de madeira dura e resistente e fica nas proximidades da oca. O pilão esta sempre presente em toda oca.

3.3.15- Viola de uma corda só - Movockap. É um instrumento muito curioso, usado somente pelo Iawí. Logo após o contato em 1983, Iawí fez este instrumento, enquanto estavam arranchados num barraco de garimpeiros, bem abaixo do Córrego dos Macados. Não vimos as mulheres tocarem este instrumento.

É um instrumento feito de um tronco de tamburil que recebe o formato de uma canoa. De uma extremidade a outra da canoa, ou seja da proa à popa, Iawí estica uma linha de nylon 200 e tira dela um som surdo e triste. Quando fizeram a mudança para o Córrego dos Macacos a viola ficou para trás. Durante esta expedição tocamos uma gravação feita por nós em 1983. Iawí escutava orgulhoso o som de sua viola repetindo constantemente: "meu, meu". Depois, explicou a Silvaldo que deseja buscar seu "movokap" quando as águas abaixarem. Insistimos para que Iawí fizesse outra viola. Ele respondia sempre que não, e pela explicação que nos deu, parece não existir a árvore tamburil ali por perto. A árvore precisa ter tamanho e grossura certos.

3.4- Alguns aspectos da cultura dos 4 Avá-Canoeiro.

Acervo ISA

3.4.1- Alimentação - Este grupo Avá-Canoeiro se alimenta de tudo que se possa imaginar. Prepara seus alimentos tanto do modo cozido como do modo assado. Até agora descobrimos que estes 4 Avá Canoeiro não comem Urubú, Cobra e Sapo.

3.4.2- Caça - A caça é exercida principalmente pelas mulheres, Matcha e Naquatcha. Iawí caça também, mas a liderança parece ser das duas mulheres. Isto talvez se explique pelo fato de Iawí ter sido criado pelas duas, sem a companhia de outro homem. Justamente por ser uma caçada liderada por mulheres, parece não perseguir animais de grande porte como anta, viado e capivara. Preferem caçar paca, cutia, tatu, preá, macaco, rato, calango e etc. As caçadas parecem incluir duas fases: a fase da descoberta e observação das locas e do paradeiro das caças e a caçada propriamente dita, quando as mulheres já saem para buscar a presa.

3.4.3- Coleta - A coleta é altamente desenvolvida entre os 4 Avá Canoeiro. A maior concentração de coleta está nos cocos das várias palmeiras, principalmente guariroba, macaúba e babaçu. Da guariroba e macaúba além da castanha, comem tambem a polpa de preferência cozida.

3.4.4- Agricultura - Apesar de ser um grupo em constante fuga, nunca deixou de praticar sua própria agricultura ou usar da agricultura dos mai (brancos). Na pequena roça de 40m. por 40m mais ou menos, em frente a antiga oca do Iawí eram cultivados: o fumo, a batata doce, o feijão de corda, o mamão a cana, e o milho. Hoje, junto ao posto da Funai, eles cultivam tudo isto mais aroz, abóbora e melancia.

3.4.5- Habitação - A oca primitiva do grupo do Iawí era pequena, 3m por 1,5 m e baixa, 2m. Era toda cercada com tronco de guariroba. A cobertura era plana, forrada por tronco da guariroba que apoiava uma camada de meio metro de palha e folhas diversas.

3.4.6- Relação com outros grupos indígenas

Parece não ter nenhuma. Iawí sempre afirma que "meu parente morrer tudo! Acabou!".

Acervo ISA

3.4.7- Relação com os mai (Brancos)

De certo modo esta relação chega a ser intensa , pois todas as ferramentas que eles usam são apanhadas nas casas de posseiros e fazendeiros. Porcos e galinhas são apanhados nas imediações das casas dos fazendeiros e posseiros. Milho , mandioca, fumo, banana são também apanhados nas roças dos mai. Hoje, Iawí conta com gozação como apanhava estas coisas nas posses do auxiliar de posto Sinvaldo e na fazenda do Benedito, pai de Reginaldo, o rapaz que os contatou.

Acervo ISA

4- O POSTO AVÁ-CANOEIRO DO TOCANTINS

O posto Avá-Canoeiro do Tocantins situa-se à margem esquerda do rio Tocantins, na foz do Córrego dos Macacos. Dista 69 Km. de Minaçu. Os primeiros 62 Km. são feitos de carro, por uma estrada razoável, mantida pela companhia das Furnas. Os últimos sete Km. podem ser feitos a pé, por uma picada margeando o rio, ou de barco descendo o rio Tocantins.

O posto está servido por duas casas na margem esquerda do Córrego dos Macacos: A casa do auxiliar Sinvaldo, de chão batido, cercada por guariroba e coberta com folhas de babaçu e plástico. A casa do chefe de posto, de chão batido, cercada por guariroba, coberta de eternite. A oca dos 4 Avá Canoeiro situa-se logo em frente, à margem direita do Córrego. É uma oca pequena, cercada por guariroba e paus diversos e coberta com folhas de babaçu. Está goteirando muito, formando lama no piso nos dias muito chuvosos.

O posto está cercado por plantações de mandioca, milho, arroz, abóbora, pepino, fumo e promete produzir muito feijão se for plantado.

A criação de galinhas, tanto no posto, como na oca dos Canoeiro, é muito boa. O palmito de guariroba também pode ser consumido em abundância.

O posto está servido com uma canoa Lumar de 6m e um motor Yamaha de 25 hp. e uma Pic up Ford. Necessita de um rádio.

O chefe do posto é o sertanista Otávio Ferreira,

Acervo ISA

o Canguçu, que durante a nossa visita estava em Brasília. Otávio é assistido pelo auxiliar Sinvaldo de Jesus Rocha, um morador da região, conhecedor dos Canoeiros, ainda arredios, e ultimamente contratado pela Funai no lugar de Reginaldo. É um jovem calmo e paciente que desempenha um bom trabalho com os índios e nas plantações do posto.

Acervo ISA

CONCLUSÃO

Ao encerrar este relatório, sentimos ter desenvolvido um trabalho além das nossas expectativas, mesmo contando com situações adversas do tempo chuvoso e das estradas em péssima situação. Os recursos financeiros que levamos, dois milhões e cento e cinco mil cruzeiros (2.105.000) foram suficientes, graças à cooperação dos pesquisadores.

Acreditamos que o sucesso de tudo se deva a fatores tais como: ao apoio das comunidades, onde foram realizadas as pesquisas, à união da equipe e à simplicidade com a qual agiam nas diversas situações. As duas pesquisadoras desenvolveram um excelente papel durante toda a pesquisa.

Queremos encerrar nosso trabalho levantando algumas conclusões contestadoras e respondendo à pergunta: E agora o que fazer?

É comum em textos clássicos de antropologia e etnologia indígena brasileira alguns discursos tais como:

- "Os índios não matam para comer os animais que criam". Isto é, não sacrificam seus chirimbabos.

- "A mulher índia não pode pegar em arco e flecha".

- "A índia não toca as flautas nem os maracás sagrados". Em alguns casos, elas nem podem ver estes instrumentos.

- "O índio caça e a mulher zela da oca, das crianças e prepara alimentação".

Estes quatro discursos, comumente conhecidos por

Acervo ISA

nós, são todos negados pelo grupo Avá Canoeiro do Tocantins em estudo.

Estes 4 Avá Canoeiro costumam criar macacos, cutias, papagaios e maritacas amarrados nas proximidades de suas redes. Ultimamente, criam tambem cães. Os sertanistas Bemamour Fontes, Otávio Pereira, os auxiliares de posto Reginaldo e Sinvaldo presenciaram, por mais de uma vez, os Canoeiros sacrificando seus chirimbabos e comendo-os. Sinvaldo presenciou a matança de um cão e uma cadela com seus nove filhotes para serem comidos assados e cozidos. Ao pergutarmos a Iawí Canoeiro pelo macaco e a cutia que criava em outubro de 1984, respondeu friamente: "morreu!" (fazendo gestos de estrangulamento) "c'Umer gotoso"! (fez gestos e expressão facial que tinha saboreado seus chirimbabos).

- As duas Avá Canoeiro mais idosas Matcha e Naquatcha usavam arco e flecha antes do contato com o jovem caçador Reginaldo da Silva em junho de 1983. Isto ficou comprovado durante a nossa visita à oca primitiva do grupo, em janeiro de 1985. Ao localizarmos vários arcos na velha oca abandonada, Iawí separou os três mais novos e falou apontando para cada arco: "Este Matcha, este Naquatcha, este meu". Levamos estes arcos para o posto e Matcha improvisou uma flecha com taquara própria e tanto ela como Naquatcha dispararam várias vezes com muita eficiência e força.

- As tres índias Avá Canoeiro tocam flautas e maracás. Pelo que podemos observar cada índia tem uma ou mais flauta, um ou mais maracá. As flautas são tocadas em qualquer lugar, a qualquer hora. Os maracás são tocados só à noite.

- As duas mulheres mais velhas Matcha e Naquatcha caçam com mais freqüência do que Iawí e Tuia. Costumam trazer a caça e entregá-la a Iawí Canoeiro, que faz a limpeza da caça e prepara a alimentação. Tudo indica, que os papéis do homem e da mulher, comumente aceitos por nós, estão invertidos neste grupo de Canoeiro por nós estudado.

Acervo ISA

Finalmente, o que fazer agora?

Continuar as pesquisas visando:

a)- descobrir o real estado de saúde dos 4 Avá Canoeiro. Podem estar afetados por várias doenças, inclusive maleita crônica.

b)- Manter uma equipe de dois ou três pesquisadores no posto Avá Canoeiro durante o segundo semenstre de 1985, para:

1- Estudar alguns aspectos culturais, tais como: linguaguem (aprender a língua), alimentação, comportamento e medicina própria.

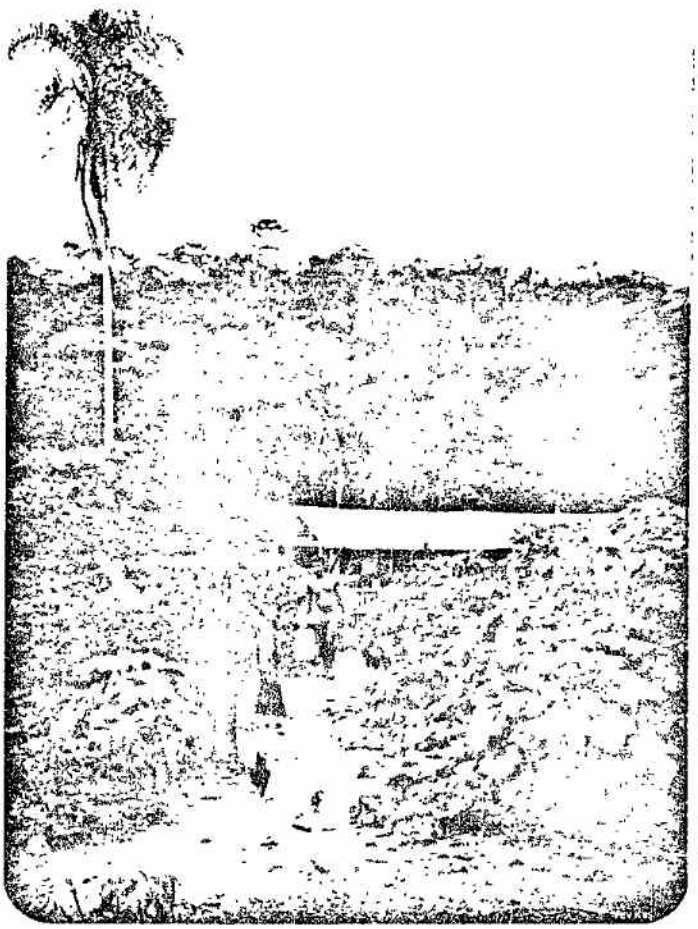
2- Provar a existência de outros grupos arredios de Avá Canoeiro.

3- Exigir a demarcação da reserva Avá Canoeiro do Tocantins.

Acervo ISA

VISTA PARCIAL DO TERRITÓRIO AVÁ CANOEIRO. EM PRIMEIRO PLANO, O CERRADO QUE CARACTERIZA O ALTO DA SERRA DOURADA NA REGIÃO . A PEQUENA MANCHA BRANCA AO CENTRO É A SEDE DO POSTO AVÁ CANOEIRO À MARGEM ESQUERDA DO CÓRREGO DOS MACACOS. O RIO AO CENTRO É O MARANHÃO-TOCANTINS. ALÉM DO RIO, A SERRA ONDE SE LOCALIZA A "ITA" - UMA GRUTA , ONDE O GRUPO DO IAWÍ CANOEIRO ABRIGAVA-SE ANTES DE CRUZAR O RIO. (FOTO:Mário Arruda)

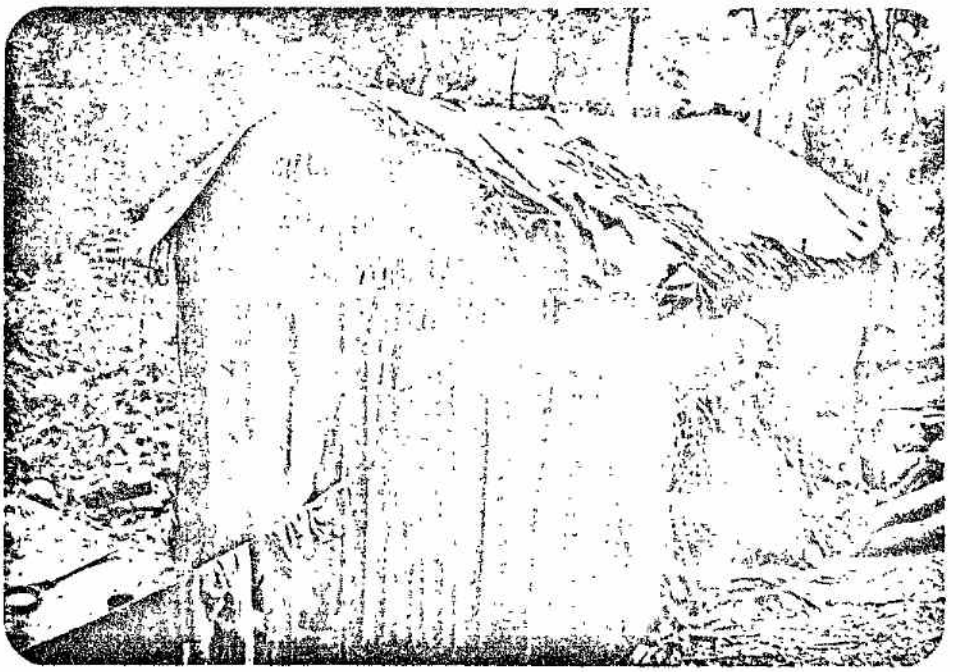
Acervo ISA



O AUXILIAR DE POSTO SINVALDO DE JESUS ROCHA EM FRENTE A CASA SEDE DO POSTO.
A ESQUERDA, A ALTA GUARIROBA NAS FOLHAS DA QUAL IAWÎ FLECHOU, DEIXANDO A FLECHA DE MATCHA ="MATCHA TAQWALHA" - PRESA NA COPA.
AO FUNDO, A MATA QUE CIRCUNDA O CÓRREGO DOS MACACOS. (Foto: Mário Arruda).

Acervo ISA

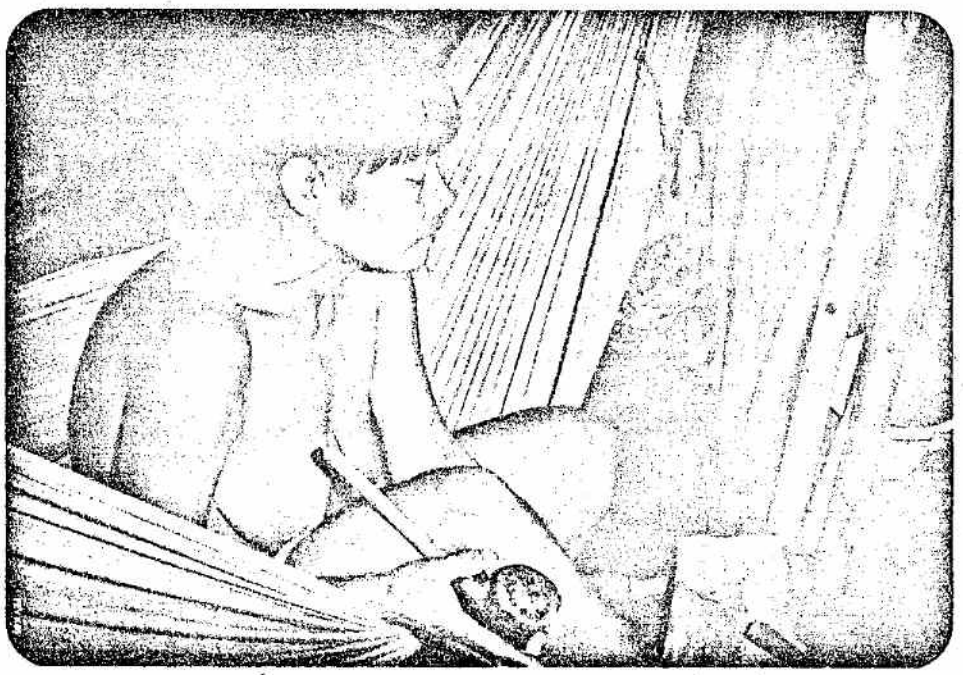
VISTA PARCIAL DA OCA DOS 4 CANOEIRO.
A ESQUERDA, O AUXILIAR DE POSTO SINVALDO, SUA ESPOSA LUZIA E SUA FILINHA.
AO FUNDO, O CÓRREGO DOS MACACOS INUNDADO PELO TOCANTINS. (Foto: Mário Arruda).



A OCA ATUAL DOS 4 AVÁ CANOEIRO CONSTRUIDA À MARGEM DIREITA DO CÓRREGO DOS MACACOS. (Foto: Mário Arruda).

Acervo ISA

FOGÃO FEITO DE PEDRAS NO INTERIOR DA OCA (Foto:M.Arruda)

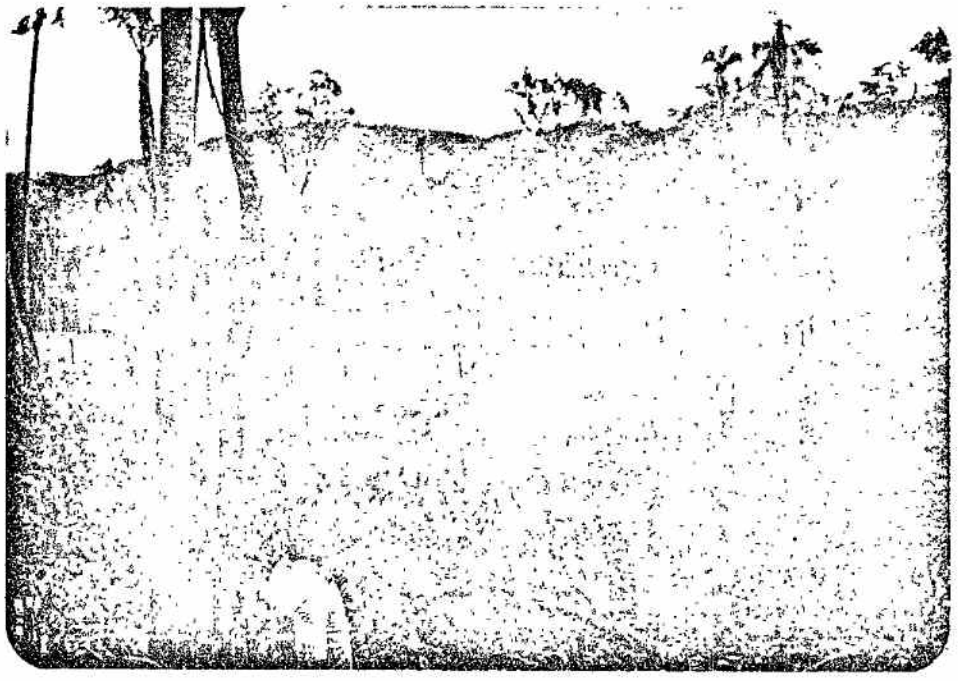


MATCHA CANOEIRO SE CONCENTRANDO PARA DAR INÍCIO AO RITUAL DE CURA PELA DEFUMAÇÃO, CANTO E SOM DAS MARACAS ; AO FUNDO, À DIREITA, AS FLAUTAS DE BAMBÚ:
(Foto: Mário Arruda).

Acervo ISA

A CANOEIRA NAQUATCHA NO INTERIOR DE SUA OCA ATUAL SEGURANDO SEU CACHIMBO DE BARRO COM CABO DE TAQUARA. EM SUA FRENTE UMA PANELA COZINHANDO ABÓBORA.
(Foto: Mário Arruda).

Acervo ISA



VISTA GERAL DA ROÇA DO IAWÎ CANOEIRO = IAWÎ KÔ, COM PLANTAÇÃO DE MILHO, ARROZ E MANDIOCA.
O LOCAL FOI ESCOLHIDO POR ELE À 1 Km. DA SEDE DO POSTO. É UM ROÇADO EM MANCHA DE TERRA BOA, ONDE A GUARIROBA É A PRINCIPAL VEGETAÇÃO. IAWÎ APONTA EM SEU MILHERAL OS ESTRAGOS FEITOS PELOS KAI = MACACOS E PELOS TAJAU = PORCO DO MATO. (Foto: Mário Arruda).

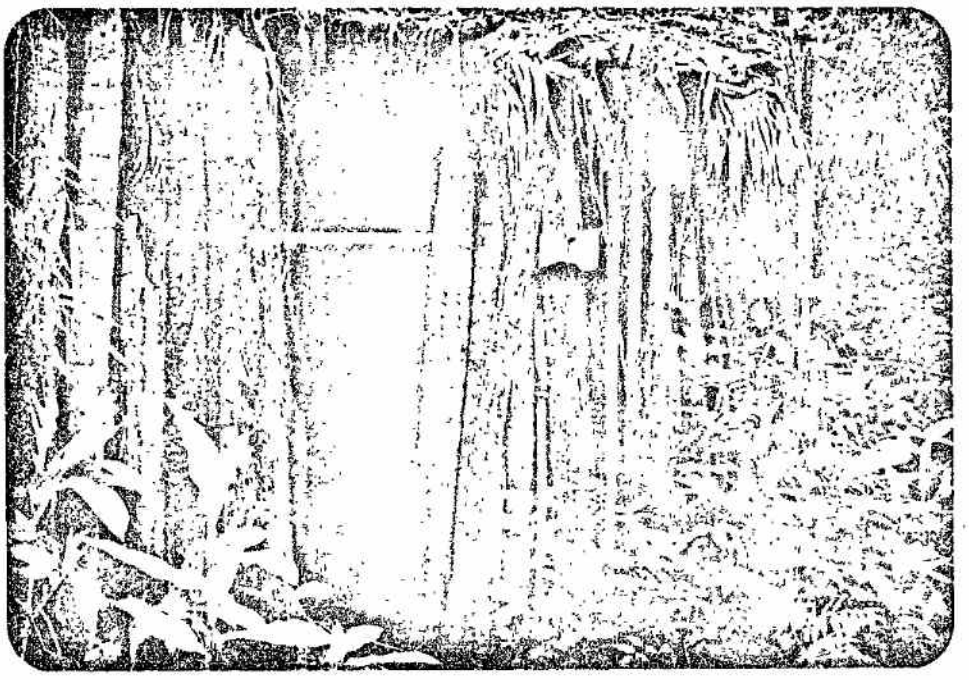
Acervo ISA

O AUXILIAR DE POSTO SINVALDO SEGUIDO DE MÁRCIA E DULCE SE APROXIMANDO DA OCA PRIMITIVA DO GRUPO DO IAWÍ.
A OCA SE LOCALIZA NA ENCOSTA ÍNGREME DE UMA SERRA À 7 Km. DO CÓRREGO DOS MACACOS. É TODA CERCADA POR TRONCOS DE GUARIROBA E DE COBERTURA PLANA FEITA COM TRONCOS APOIANDO UMA GROSSA CAMADA DE PALHA;
OS 4 CANOEIRO HABITAVAM ESTA OCA EM 10/06/83, QUANDO FORAM CONTATADOS PELO CAÇADOR REGINALDO À 5 Km. DE DISTÂNCIA. (Foto: Mário Arruda).

Acervo ISA

IAWÍ EXIBINDO COM VIBRAÇÃO SEUS PERTENCES, EM FRENTE A OCA PRIMITIVA ABANDONADA.
AO FUNDO, NOTA-SE A MANCHA DE CAPOEIRA, ONDE O GRUPO CULTIVAVA UMA PEQUENA ROÇA ANTES DO CONTATO.
(Foto: Mário Arruda).

Acervo ISA



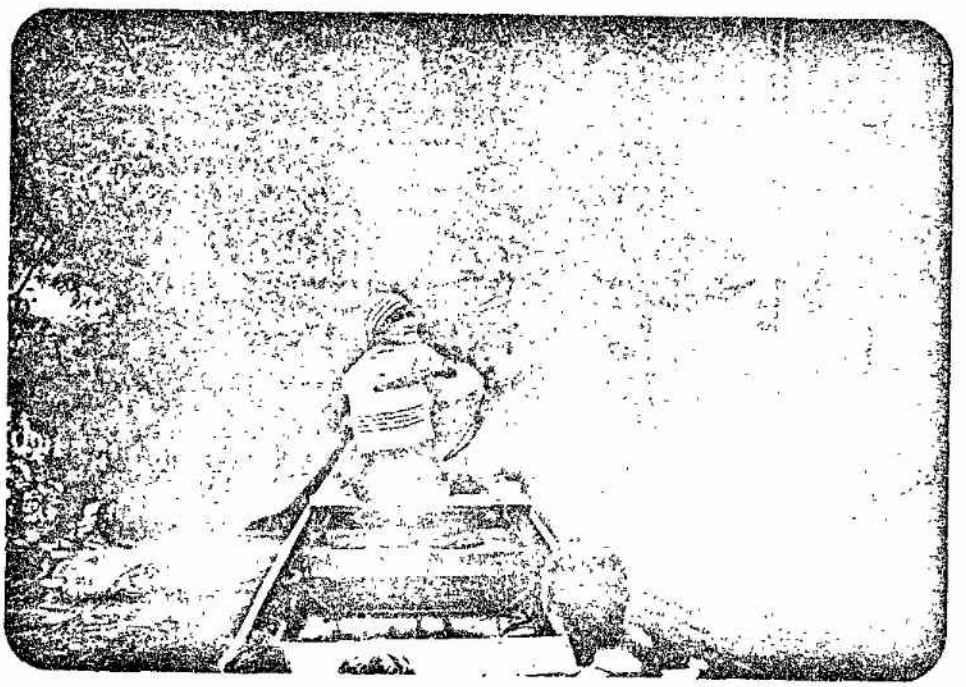
A OCA PRIMITIVA DO GRUPO COM UMA PEQUENA ABERTURA NO CENTRO SERVINDO DE PORTA.
NOTE A PEQUENA PLACA M-66 (MIRA 66) DA COMPANHIA HIDROELETRICA DAS FURNAS. A REFERIDA PLACA FOI APANHADA POR IAWÍ UM POUCO ANTES DE SER CONTATADO.
(Foto: Mário Arruda).

Acervo ISA

A OCA PRIMITIVA DO GRUPO CONTINHA UMA SÉRIE DE INSTRUMENTOS MISSISCENADOS: PLANTADEIRA DE ARROZ, FOICE EM FORMA DE CAVADEIRA, CABAÇA COM ABERTURA CIRCULAR, QUE PROVAVELMENTE SERVIA DE MARACÁ E UMA FLAUTA VELHA DE BAMBÚ. (Foto: Mário Arruda).

Acervo ISA

O INTERIOR DA OCA PRIMITIVA DO GRUPO ESTAVA CHEIA DE OBJETOS FABRICADOS PELO GRUPO. OS OBJETOS FORAM ABANDONADOS DEPOIS DO CONTATO.
(Foto: Mário Arruda).

Acervo ISA

IAWÍ MANOBRANDO A CANOA DA FUNAI NO IGAPÓ DO CÓRREGO DOS MACACOS. (Foto: Mário Arruda).